

ESPAÇO TURÍSTICO URBANO EM CAMPINA GRANDE – PB: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DE BOULLÓN

Gutenbergue Viana da Silva¹
Paulo Pedro de Freitas Filho²
Ana Valéria Endres³

RESUMO

O trabalho discorre acerca da teoria de Boullón e suas categorias de análise do espaço turístico urbano e as possibilidades de aplicação na cidade de Campina Grande/PB. Por meio da teoria dos pontos focais urbanos, foi possível a identificação de algumas categorias da referida teoria no espaço turístico campinense. O trabalho utilizou-se basicamente de pesquisa bibliográfica e de observações paulatinas do espaço urbano em questão pelos pesquisadores. Determinou-se a importância da teoria do Boullón para a prática do planejamento turístico e no direcionamento de políticas públicas em ações específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Urbano. Campina Grande. Turismo. Boullón

¹ Técnico em Turismo (Escola Técnica Redentorista); Aluno PIBIC (2013/2014) vinculado ao curso de Turismo (UFPB) e ao Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento, Planejamento e Turismo (UFPB). Email: gu_spanic@hotmail.com

² Técnico em Turismo (Escola Técnica Redentorista); Graduando em Turismo (UFPB). E-mail: paulopfreitasf@gmail.com

³ Doutora em Sociologia Política (UFSC); Professora do Curso de Turismo (UFPB); Líder do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento, Planejamento e Turismo (UFPB). E-mail: valendres@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Campina Grande é a segunda maior cidade do estado da Paraíba, com cerca de 400 mil habitantes. Detém uma história que lhe confere até hoje status de cidade capital do trabalho, do pioneirismo, de vanguarda, do ensino/tecnologia, e do Maior São João do Mundo.

Por meio da experiência de trabalho em grandes eventos como o São João, Encontro para a Nova Consciência, Festival de Inverno, Vaquejadas e outros os quais a cidade se destaca, constata-se que uma das maiores reclamações dos turistas é o fato da cidade ser mal sinalizada e ter um centro desorganizado.

A cidade é referência no turismo de eventos e a sazonalidade, característica marcante desse segmento turístico, parece caracterizar também o nível de prioridade que se dá ao turismo na região, apesar do seu grande potencial em ecoturismo, turismo histórico/cultural e urbano.

A Rainha da Borborema, como é conhecida na região, carece de maiores investimentos, principalmente no que diz respeito à revitalização de suas áreas centrais de interesse turístico, o que demanda projetos de mapeamento, ordenamento, sinalização, refuncionalização de espaços de lazer etc.

Com o objetivo de identificar o espaço turístico urbano de Campina Grande, esse estudo tem como referencial a noção de “pontos focais urbanos” de Roberto C. Boullón⁴, que trabalha estes conceitos para facilitar a leitura e compreensão dos centros turísticos pelos turistas.

A problemática adveio da observação dos pesquisadores que, a partir dos primeiros contatos com a área de turismo no meio acadêmico, têm questionado

⁴ Arquiteto e urbanista de formação, Roberto C Boullón teve mais de trinta anos de experiência na área do turismo analisando impactos da atividade sobre o espaço natural e urbano, tendo elaborado a inédita teoria do espaço turístico.

como e onde poderiam ser investidos recursos que pudessem contribuir para reorganizar o espaço e diversificar a realidade do turismo urbano em Campina Grande.

A disciplina “Turismo e Espaço Turístico” do curso de turismo da Universidade Federal da Paraíba e as discussões que se sucederam a partir da teoria do espaço turístico do Boullón se apresentaram como as ferramentas necessárias para a solução dessa inquietação científica e motivaram o desenvolvimento deste trabalho.

Para desenvolver a proposta do artigo, no primeiro momento, como base teórico-metodológica, além da abordagem dos pontos focais urbanos, utilizaram-se contribuições de outros autores que desenvolveram estudos na mesma temática do espaço aplicado ao turismo.

Em um segundo momento, fez-se a apresentação dos resultados, tendo como foco a ferramenta metodológica proposta, concomitantemente à aplicação desta na prática do espaço urbano em Campina Grande, resultados estes que foram obtidos a partir da observação cotidiana dos autores *in loco*, tendo cada um dos seis pontos focais urbanos – logradouros, marcos, bairros, setores, bordas e roteiros – sido conceituado e identificado na cidade objeto de estudo por meio de imagens da mesma e ajuda de alguns mapas fornecidos pelo *Google Maps*.

BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A ANÁLISE DO ESPAÇO TURÍSTICO URBANO EM CAMPINA GRANDE – PB

O planejamento do espaço físico é um método de se obter uma organização da ocupação humana, quando se fala de espaço urbano e rural, e um meio de conhecer os limites da ocupação e uso dos recursos quando se fala do espaço natural.

Esse planejamento, que deve ser desenvolvido por diversos tipos de profissionais como geógrafos, geólogos, economistas, sociólogos, paisagistas, turismólogos, entre outros, proporcionará um uso sustentado do solo permitindo também, por exemplo, a identificação de áreas que serão destinadas especificamente à preservação, ao turismo, ao paisagismo, ao extrativismo, e assim por diante, dadas às características técnicas do local estudado e outros tipos de ocupação, evitando colapsos que se esperam do uso desordenado dos recursos existentes no planeta (BOULLÓN, 2002).

Boullón (2002) identifica e conceitua os diferentes tipos de espaço físico que existem e delimita suas características. Seu trabalho analisa tanto o ambiente natural quanto o ambiente urbano e o turismo que poderá estar atrelado ao planejamento físico nesses dois diferentes tipos de espaço.

O estudo do espaço turístico natural em resumo seria o estudo das paisagens naturais, que estão cada vez mais culturais devido à ação humana. Já o espaço cultural, ou seja, aquele que tem a interferência do homem, consequência histórica do trabalho, foi responsável pela formação dos espaços rurais e dos espaços urbanos.

Para o planejamento turístico do espaço, seja natural ou urbano, consideram-se outras estruturas agregadas – meios de hospedagem, receptivos, restaurantes, acessos, sinalizações, etc. – que são necessárias ao turista e ao bem receber. Desse modo podemos entender o espaço turístico, que segundo a definição de Boullón (2002), é consequência:

Da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infraestrutura turísticas são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país (BOULLÓN, 2002. p. 79).

Esse entendimento de espaço turístico como um conjunto entrelaçado de estruturas pode também ser apreendido dos conceitos de espaço geográfico do notório geógrafo Milton Santos. Rodrigues (2001) resgata esses conceitos aplicando ao turismo, entendendo o espaço turístico como um sistema de objetos e ações que, apenas quando tomados em conjunto, podem expressar uma dinâmica espacial principalmente quando entrelaçados os fixos e os fluxos⁵.

Rodrigues (2001) ainda nos traz as conclusões de Santos sobre os elementos desse espaço – homens, firmas, instituições, infraestruturas e meio ecológico – e como podem ser pertinentes para uma pesquisa mais aprofundada do espaço turístico.

Todos esses elementos da paisagem urbana e turística podem ser estudados de maneira separada e/ou entrelaçada, por meio de categorias de análise da paisagem também definidas por Milton Santos que são as formas, funções, estruturas e processos (RODRIGUES, 2001).

A paisagem urbana, objeto desse estudo, materializada pelas cidades, é, provavelmente, a maior expressão da dominação humana sobre o meio natural. É uma construção coletiva de indivíduos que, ao longo dos anos, optou por se estabelecer em determinada localidade e a partir daí plantar o seu alimento (processo de sedentarização) e organizar-se em comunidade (BOULLÓN, 2002; ROLNIK, 1994).

Definida por Rolnik (1994, p. 9), como “fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza”. Ela pode ser vista como “ímã”, por seu poder de atrair, reunir e concentrar pessoas; como “escrita”, por ser um registro da vida social por meio da arquitetura, da acumulação de riquezas e de conhecimentos; como “política”, no sentido de participação dos cidadãos na vida pública (necessidade de gestão da vida coletiva);

⁵ “Fixos, porém não estáticos, são os centros emissores da demanda, de onde partem os fluxos para os núcleos receptores”. (RODRIGUES, 2001. p. 62).

e como “mercado”, fruto das trocas comerciais, divisão de trabalho e necessidade de consumo (ROLNIK, 1994).

Sobre a subjetividade presente no conceito de cidade, Castrogiovanni (2001) alerta os profissionais de turismo para que sejam mais especulativos e criativos diante do caráter dinâmico desses espaços, uma vez que “a cidade é o que é visto, mas mais ainda, o que pode ser sentido” (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 25). Logo, como fruto desta sensibilidade, pode-se aumentar as possibilidades de atrativos turísticos urbanos.

O mesmo autor ressalta que o espaço, com o processo de globalização, reproduz os desígnios do capitalismo: em detrimento das necessidades sociais, são privilegiadas as tendências do mercado (CASTROGIOVANNI, 2011). Sob essa perspectiva, podemos refletir que:

O urbanismo moderno atribuiu à cidade as funções de lazer, de morar, de trabalho e de circulação. Destas quatro funções, três ficaram confinadas e localizadas em espaços privados, cada vez mais circunscritos e homogêneos, cabendo à dimensão pública a função da circulação. O processo de fuga do controle e da gestão pública das funções da cidade contribuiu para o desaparecimento do sentido público e político da cidade, dando-se ênfase quase exclusiva a uma concepção de espaço urbano onde prevalece o caráter, o modelo privatista de cidade, de sociedade. (ROLNIK, 2000, p. 4).

Dentro desse entendimento se tornam cada vez mais urgentes estudos e pesquisas que possam contribuir para que essa dimensão pública possa ser mais atuante, assumir responsabilidades que lhe cabem nas esferas de lazer, por exemplo – dado o enfoque turístico desse trabalho – que é visivelmente carente em um primeiro olhar sobre o espaço urbano campinense e assim poder suprir necessidades básicas, tanto do morador local, quanto do turista.

O espaço urbano necessita de um tempo e de algumas facilidades para ser percebido, principalmente pelo turista que está apenas de passagem pelos locais.

Essa percepção é tida pela soma das imagens que são feitas a partir dos primeiros momentos no interior de um determinado espaço urbano. O tamanho, traçado, topografia e a arquitetura são as principais características que podem facilitar ou dificultar a leitura das paisagens urbanas pelos turistas (BOULLÓN, 2002).

É especificamente o estudo de alguns desses elementos que compõem as cidades, chamados pelo autor de pontos focais urbanos, que a leitura das paisagens urbanas pode ser mais bem compreendida pelos turistas, que, tendo uma boa leitura dessas paisagens, sairá com imagens positivas e a sensação de ter conhecido a cidade por completo, sendo assim uma ferramenta muito importante ao desenvolvimento de projetos turísticos pelo poder público.

Nesse trabalho utiliza-se de maneira bastante basilar e descritiva a metodologia dos pontos focais urbanos, compreendida por meio dos estudos de Boullón (2002). A identificação feita a partir desse instrumento metodológico tem um caráter físico/espacial, elencando os elementos básicos que compõem a paisagem urbana no município de Campina Grande e que podem ser categorizados e padronizados para um posterior estudo mais aprofundado.

A referida metodologia de pesquisa tem suas origens nos estudos de Kevin Lynch (1974) que estudou o aspecto das cidades por meio dos signos que melhor a representem. A partir desta identifica-se no município de Campina Grande – PB os logradouros, marcos, bairros, setores, bordas e roteiros que são os chamados pontos focais urbanos e que, devidamente identificados, ajudam a delimitar o espaço turístico urbano.

ESPAÇO TURÍSTICO URBANO EM CAMPINA GRANDE – PB

O espaço turístico campinense está inserido no centro da cidade, tendo poucos atrativos que fogem desse perímetro central. Sendo assim, inicialmente faz-se imprescindível destacar esses atrativos e infraestruturas que são necessários ao

turismo e que se localizam dispersos, fora dos limites das *bordas* do espaço turístico que foi delimitado, como rodoviárias, aeroportos e principais entradas e saídas da cidade, importantes para o acesso dos turistas.

Após essa identificação inicial faz-se a delimitação do perímetro essencialmente turístico que se caracteriza efetivamente como o espaço urbano turístico da cidade, delimitação esta feita por meio da identificação e descrição dos pontos focais urbanos.

Na figura 1 destaca-se a principal via de acesso leste (ponto A), a localização do aeroporto João Suassuna (ponto B) e a Avenida Assis Chateaubriand que é o principal *roteiro* de acesso ao espaço turístico para quem chega via aérea à cidade. Essa avenida atualmente é bastante destacada pelas fábricas de atacado e o principal acesso ao distrito industrial de Campina Grande. Ao final dela, encontra-se o perímetro turístico da cidade (ponto C na figura 1).

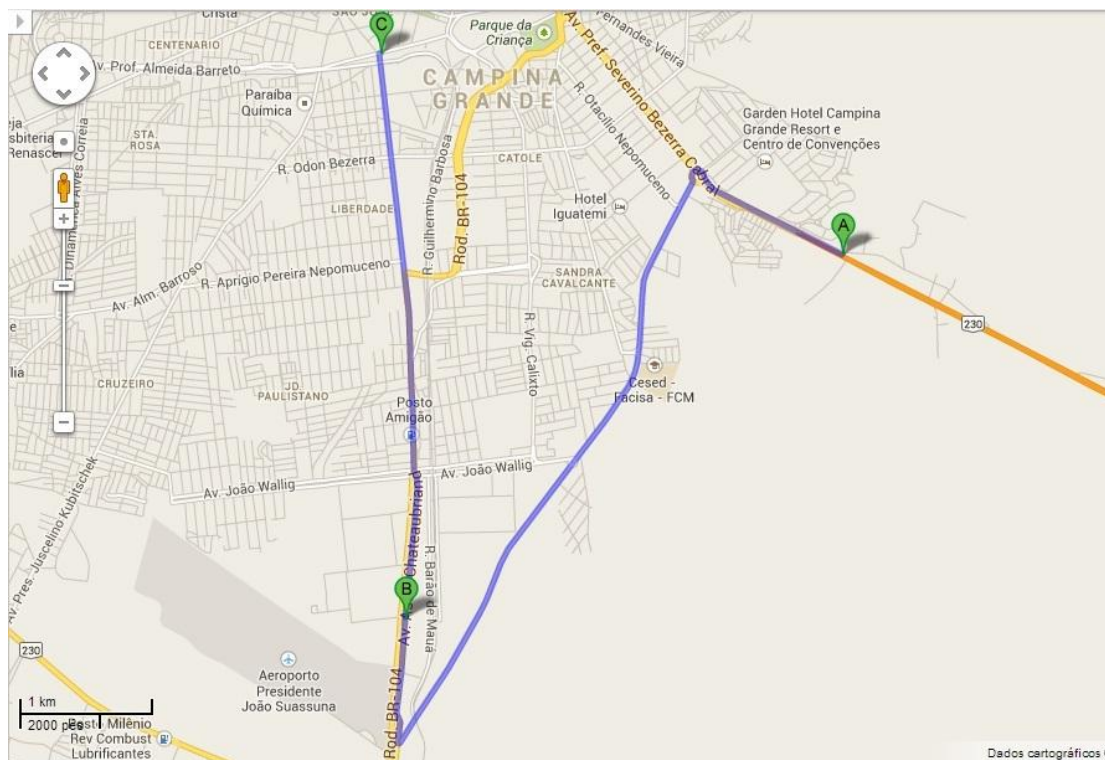


Figura 1: Roteiro sul preferencial para quem chega à cidade via aérea.
Fonte: Google Maps, 2013.

Na figura 2 destaca-se a Avenida Severino Bezerra Cabral que é o principal acesso para quem chega à cidade via terrestre, seja por meio da rodoviária ou da BR 230 para o turista que vem do litoral. É uma via dupla, muito urbanizada e iluminada que está em franco processo de verticalização e tem sido palco de grande especulação imobiliária em torno da construção de edifícios habitacionais e de centros comerciais.

O primeiro grande shopping da cidade (ponto D na figura 2), hipermercados nacionalmente conhecidos e os dois maiores hotéis da região estão localizados nessa avenida ou próximos a ela, evidenciando essa área como ponto de afluência de residentes e turistas.

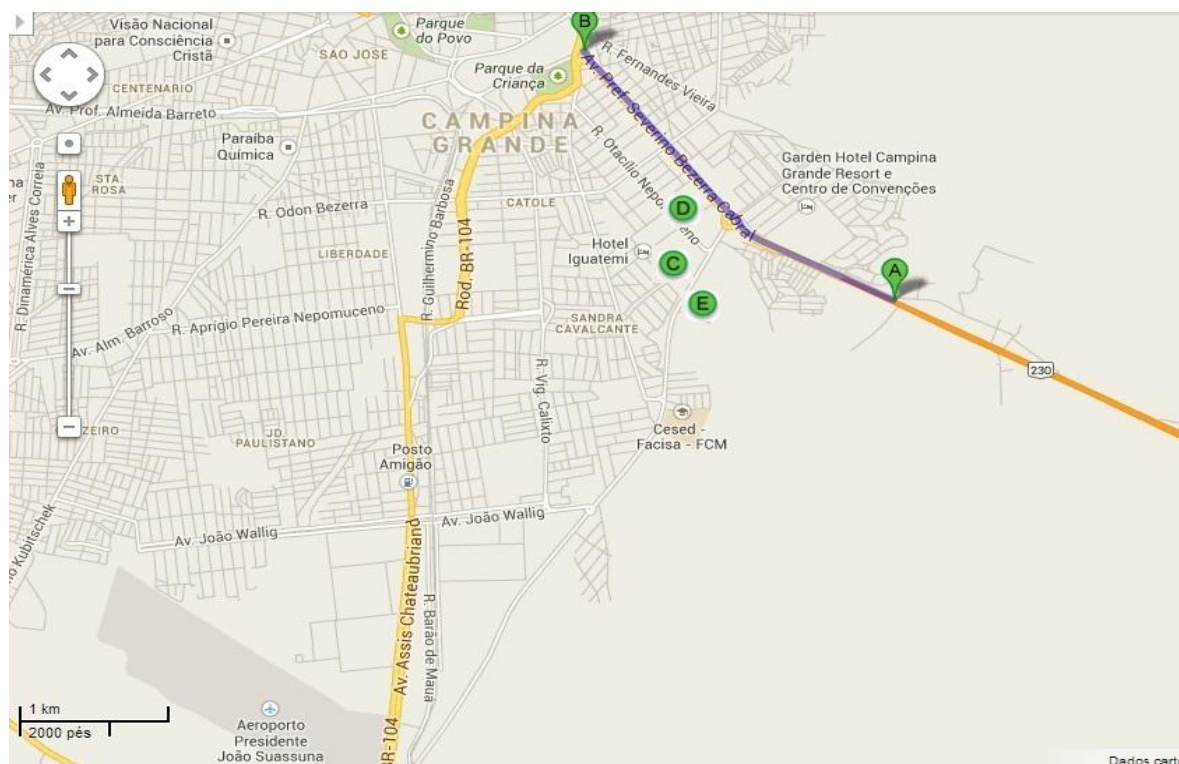


Figura 2: Roteiro leste, preferencial para quem chega à cidade via terrestre/litoral.

Fonte: Google Maps, 2013.

O terminal rodoviário Argemiro de Figueiredo (ponto C na figura 2), conhecido como a rodoviária nova, também se encontra nas proximidades da referida avenida e podemos identificá-lo como *logradouro*. Ainda próximo à rodoviária, há uma casa de shows (ponto E na figura 2) que deve ser considerada como um *marco geral próximo*, tendo em vista o histórico dessa casa de shows em termos regionais e o destaque de Campina Grande no turismo de eventos.

A Avenida destacada na figura 2 é considerada principalmente como *roteiro* dentro do esquema proposto por Boullón (2002) visto que é uma via de circulação que inevitavelmente o turista necessitará para se deslocar ao centro da cidade. Ao fim dessa avenida (ponto B na figura 2), encontra-se com o espaço turístico delimitado.

a) Logradouros

Os logradouros são espaços abertos e de livre trânsito para turistas e residentes. Lugares como rodoviárias, aeroportos, shoppings, praças, mercados de artesanato, feiras, são exemplos de logradouros. Em Campina Grande foram identificados os seguintes logradouros: 8 praças, 4 parques, 4 centros comerciais, 1 feira central + 2 arcas⁶, 10 mercados e supermercados, 1 centro de artesanato, 2 rodoviárias, 1 terminal de integração de ônibus urbano, 1 aeroporto, e algumas confluências de ruas⁷.

Essas chamadas confluências de ruas são principalmente identificadas: no cruzamento entre a Avenida Marechal Floriano Peixoto e a rua Maciel Pinheiro, entre as ruas Marques do Herval, Praça da Bandeira e Avenida Marechal Floriano

⁶ Essas arcas são espaços como extensão da Feira Central de Campina Grande. A cidade possui duas arcas, uma chamada de Arca Titão e a outra Arca Catedral. Foram criadas como espaços para abrigar feirantes que já não eram mais comportados no espaço da Feira Central e se acumulavam vendendo pelas calçadas do centro da cidade.

⁷ “Em algumas encruzilhadas ou partes de ruas se produzem acontecimentos incomuns, que atraem turistas. Em outras partes, cada vez que um circuito para pedestres chega a um ponto de confluências de várias ruas, ter de decidir que rumo tomar faz com que os turistas parem ou diminuam sua marcha e observem com maior atenção todos os elementos formais que constituem esse tipo de logradouro (...) se, por casualidade ou pela programação, nesses pontos se encontra um bar ou restaurante com mesas na rua, ou existe a possibilidade de sentar-se em alguma parte, os turistas farão uma escala nesses (...) espaços abertos.” (BOULLÓN, 2002).

Peixoto, entre a rua Venâncio Neiva com a Avenida Marechal Floriano Peixoto e entre a rua Cardoso Vieira (calçada) com a rua Venâncio Neiva.

Entre esses logradouros identificados, existem muitos com grande potencial para o aproveitamento turístico. São cruzamentos entre ruas que contam a história da cidade, feira central, parques, mas nenhum aproveitamento exclusivamente turístico onde poderia funcionar um restaurante, um museu ou uma galeria de arte por exemplo.

Percebem-se ainda diversas praças que visivelmente encontram-se em estado de abandono e marginalizadas. A identificação dessas praças é importante para o direcionamento de projetos específicos de revitalização e refuncionalização desses espaços públicos que detêm grande potencial turístico.

b) Marcos

Os marcos turísticos de uma cidade podem ser percebidos em objetos, artefatos urbanos, edifícios, atrativos turísticos etc. que se destacam na paisagem pela forma, seja por sua dimensão ou qualidade, tornando-se pontos de referência para o turista e para o residente (BOULLÓN, 2002).

Os marcos podem ser locais ou gerais. Nessa pesquisa identificaram-se apenas os marcos gerais, que são os utilizados preferivelmente pelos turistas, tendo em vista que os marcos locais são perceptíveis apenas pelos habitantes locais, sendo necessário maior familiarização com o local, conseguida apenas ao longo do tempo, portanto, não influenciando na imagem feita pelos turistas (BOULLÓN, 2002).

Dentre os marcos gerais, os distantes são aqueles que são vistos de qualquer lugar dentro do espaço e dão ao turista uma sensação de localização e os marcos próximos, que são menores em tamanho, mas que se destacam na paisagem.

Na figura 3 podemos identificar os seguintes marcos gerais distantes: O viaduto Elpídio de Almeida (A), a Catedral de Nossa Senhora da Conceição (B), a Pirâmide do Parque do Povo (C), o obelisco do Parque Evaldo Cruz (D) e o Açude

Velho (E). Como marcos gerais próximos é possível identificar a arquitetura peculiar do Teatro Severino Cabral⁸(F), os monumentos “Os Pioneiros”⁹ (G), “Farras de Bodega”¹⁰ (H) e o atual Museu de Arte Popular da Paraíba¹¹ localizados às margens do Açude Velho e a arquitetura do edifício da FIEP (I).



Figura 3: Marcos gerais: distantes e próximos.

Fonte: Panoramio Photos of the World. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/map/#lt=-7.222367&ln=-35.873467&z=5&k=2&a=1&tab=1&pl=all>>. Acesso em 10 ago 2013.

c) Bairros e Setores

Não se identificou nenhum bairro no contexto da definição trazido por Boullón, visto que bairros turísticos normalmente são mais bem identificados em

⁸ Foi construído em forma de apito

⁹ Monumento em homenagem aos primeiros habitantes da cidade: O índio, a catadora de algodão e o tropeiro.

¹⁰ Homenagem em bronze aos ícones do forró nordestino; Luiz Gonzaga rei do Baião e Jackson do Pandeiro, rei do Ritmo.

¹¹ Obra de Oscar Niemeyer, popularmente chamada de Museu dos Três Pandeiros devido sua forma física.

megalópoles onde o espaço turístico não se resume aos limites de uma orla marítima ou do centro da cidade, como é o caso de Campina Grande.

Os setores, segundo o autor, são partes menores que bairros nos quais o turista se sente em uma parte diferenciada, normalmente se caracterizam por uma área de centro histórico, ou uma área de gastronomia – áreas essas que não passam de algumas quadras ou ruas bem próximas (Boullón, 2002).

Em Campina Grande podemos identificar especificamente quatro setores, são eles o setor histórico da cidade, delimitado pelas ruas Maciel Pinheiro, Marques do Herval e Venâncio Neiva, incluindo a Praça Alfredo Dantas. Esse setor conta com um casario em *art déco* que é um dos mais significativos do Brasil (QUEIROZ, 2011) e os primeiros prédios construídos na cidade, datados dos anos 50/60 do século XX, além dos mais tradicionais hotéis e restaurantes da cidade que estão localizados nesse setor.

Outro setor compreende a Avenida Manoel Tavares que, recentemente, tem se tornando referência em termos de gastronomia na cidade, local onde estão localizados os principais e maiores restaurantes. Ainda pode-se destacar a recente especulação em torno da construção de shoppings e redes de *fast food* na região que irão fortalecer essa tendência de setor especificamente gastronômico, e ainda o fato da avenida ser uma porta de entrada e/ou saída para o turista que chega à Campina Grande vindo do Brejo/Curimataú paraibano.

Outro local compreende uma área de parque, praças e área gastronômica estando localizado às margens do Açude Velho. O setor conta com importante área de lazer para residentes sendo apropriada também pelo turismo, onde visivelmente destacam-se empreendimentos gastronômicos como lanchonetes, quiosques e restaurantes, além da chamada “orla” do Açude Velho onde há possibilidade de caminhadas e passeios públicos.

Outro setor bastante tradicional em termos de alimentação é a Rua 13 de maio. Essa rua se faz bastante estratégica visto que inicia próximo ao Parque do Povo e ao Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), pontos de convergência turística

principalmente no período do São João e outros eventos que acontecem nas proximidades. A rua conta com um número considerável de restaurantes para todos os gostos; dos populares aos mais dispendiosos, diversas pizzarias, lanchonetes *fast foods*, sorveterias e alguns restaurantes de culinária regional.

Um quinto setor poderia ser identificado se for analisado que a área do Parque do Povo, durante o mês de junho das festas juninas, por exemplo, vira o foco de todas as atenções da cidade e transforma totalmente o seu espaço em um ambiente de música, gastronomia, artesanato e cultura popular, podendo ser considerado um setor temporário durante esse e os outros eventos que acontecem em seu espaço durante o ano (Encontro Para a Nova Consciência, Parque da Moda etc.).

d) Bordas

As bordas compreendem os limites do espaço turístico e se caracterizam por serem elementos fronteiraços como uma avenida movimentada, um rio ou uma linha férrea. As bordas podem ser fortes ou fracas. Bordas fortes são elementos que isolam determinados espaços, impedem ou dificultam o trânsito (BOULLÓN, 2002).

Em Campina Grande as bordas são consideradas fracas, ou seja, embora separem o espaço, permitem a paisagem fluida dos turistas de um lado para o outro, tanto ao olhar do turista quanto fisicamente caso deseje passar de um setor para outro, por exemplo.

As principais bordas que delimitam o espaço turístico campinense estão destacadas na figura 4. Foram identificadas ruas que formam um perímetro quase circular em torno do centro da cidade, englobando a quase totalidade dos atrativos e infraestruturas de interesse turístico.

Essas bordas podem ser também consideradas nesse caso como roteiro, tendo em vista que roteiros também são vias de acesso, que ajudam a circular pelo centro turístico e ajudam a ir de um ponto ao outro, além de indicar como deve ser seu deslocamento pela cidade e ao redor dela.

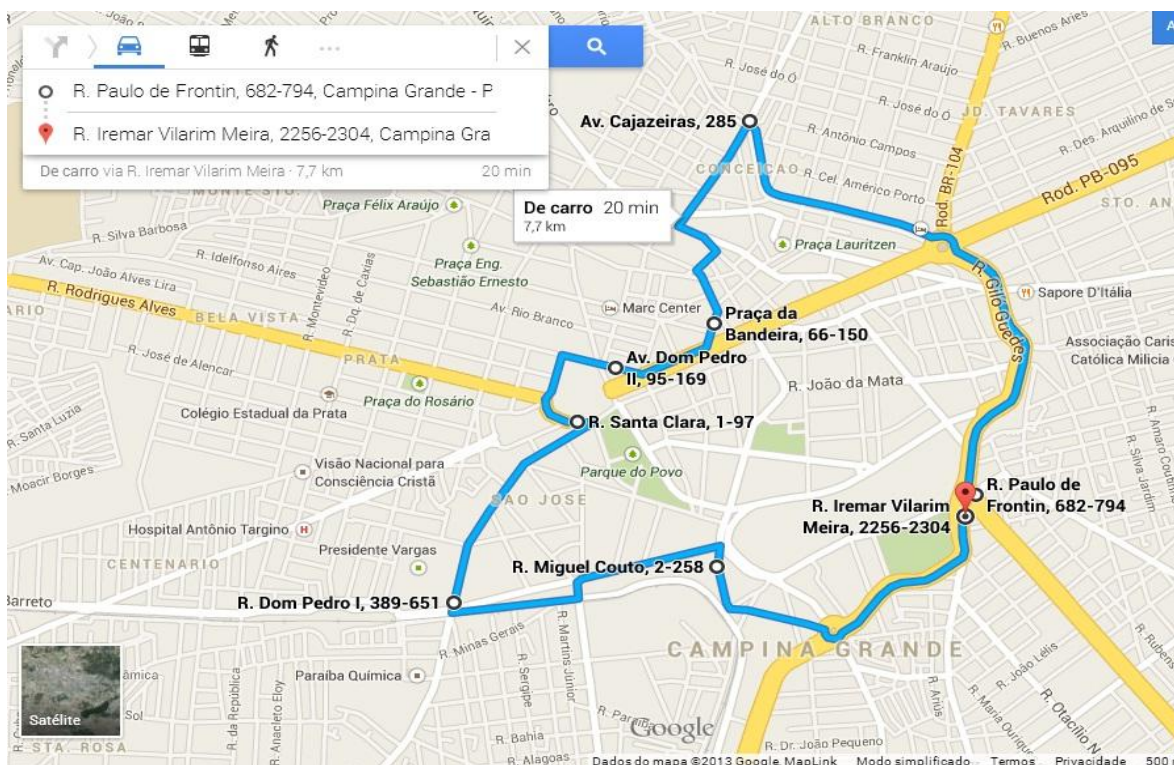


Figura 4: Bordas do Espaço Turístico Campinense.

Fonte: Google Maps, 2013.

As bordas identificadas na figura 4 unem todos os pontos principais do espaço turístico campinense. Também foi identificada a atual ordem do trânsito local, de modo que essas ruas são necessárias para que o turista possa perceber que está nos limites da cidade, ruas estas que se ultrapassadas dariam facilmente a entender ao turista que estaria entrando em outro bairro, mais residencial e sem interesse turístico. Essas ruas seriam prioridades em possíveis investimentos em sinalização turística, por exemplo.

e) Roteiros

Os roteiros, como já se supõem pelo nome, são vias de circulação de interesse turístico e que servem para o turista se guiar na cidade e não se perder, adentrando algum outro setor ou bairro que não seja turístico.

Os roteiros são pontos extremamente importantes na identificação do espaço, pois eles dão possibilidades práticas para o planejador elaborar um esquema físico da cidade estabelecendo os pontos principais, atrativos, infraestruturas, etc. e as vias de acesso que serão necessárias para chegar até eles. Sem a correta identificação dos roteiros, nenhum planejamento do espaço turístico urbano poderá ter aplicabilidade.

As principais vias identificadas como roteiros são: Avenida Severino Bezerra Cabral (porta de entrada leste), Avenida Manoel Tavares (avenida gastronômica e porta de entrada nordeste), Avenida Assis Chateaubriand (porta de entrada sul, principal para quem chega a Campina Grande via aérea), Avenida Canal (que liga os eixos leste e nordeste), Avenida Marechal Floriano Peixoto (eixo principal do espaço turístico urbano), Rua 13 de maio (também conhecida rua gastronômica), rua Vila Nova da Rainha (foi a primeira rua da cidade, por isso seu interesse turístico e além de estratégica via de acesso ao Açude Velho, permitindo uma localização rápida em caso do turista sentir-se perdido), Avenida Severino Cruz (e outras ruas localizadas às margens do Açude Velho), Avenida Sebastião Donato (a principal do Parque do Povo e ruas vizinhas), etc.

Esse trabalho restringiu-se a identificação nominal dos principais roteiros da cidade não pretendendo esgotar o tema nem as possibilidades de identificação de outros roteiros alternativos ou as possibilidades de mudanças de tráfego urbano entre outras questões pertinentes ao desenvolvimento de projetos e pesquisas sobre o tema.

Boullón (2002) propõe ainda a criação de um esquema físico como mostrado na figura 5. Esse esquema seria um desenho urbano contendo a captação desses pontos focais identificados, devidamente correlacionados, formando uma imagem geral do centro turístico com base em sua organização focal.

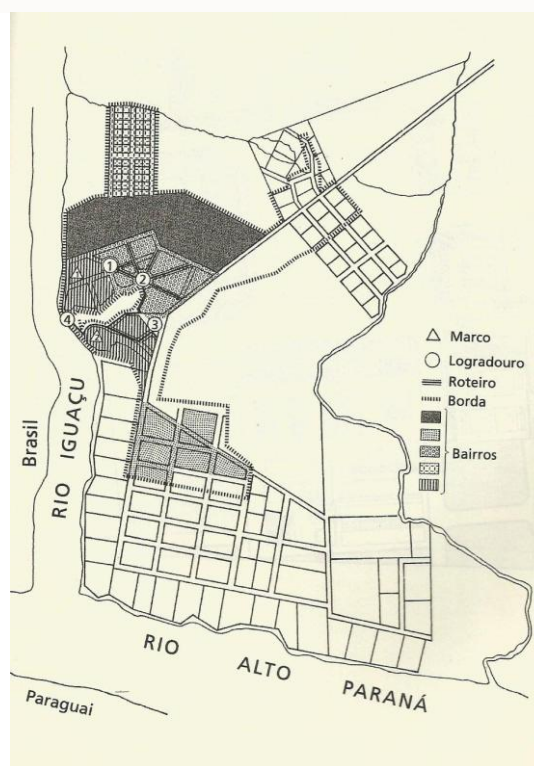


Figura 5: Exemplo de um Esquema Físico.
Fonte: Boullón, 2002.

Para a elaboração deste esquema físico é necessário um estudo de campo detalhado que daria pressupostos à elaboração de uma planta turística da cidade, que seria um protótipo de um possível mapa turístico, sendo imprescindível a colaboração de profissionais especialistas em turismo, geografia, urbanismo, paisagismo, georreferenciamento entre outros que estabeleceriam quais elementos seriam essenciais para essa organização focal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de característica bibliográfica e descritiva teve a intenção básica de trazer um tema bastante relevante no que diz respeito ao planejamento turístico, gerando questionamentos e permitindo elaborar hipóteses para futuras pesquisas, compreendendo, também, subsídio para o aprofundamento da teoria do

espaço turístico urbano de Boullón aliada ao trabalho de profissionais que venham a atuar na área planejamento.

Trabalhos como os de Feger et. all. (2008) e Rodrigues (2004) utilizaram a teoria do espaço turístico do Boullón, tendo como objetos de estudo localidades em Santa Catarina e na Bahia respectivamente, e se mostraram exemplos de como bem utilizar uma determinada teoria de planejamento turístico na prática.

Os referidos trabalhos apresentaram uma caracterização das regiões turísticas através de uma abordagem macro, identificando todos os componentes do espaço definidos pelo Boullón – zonas, áreas, centros, unidades, núcleos etc. – e as relações que se estabelecem entre esses componentes.

Os autores analisaram ainda em que níveis de desenvolvimento turístico cada uma dessas regiões se encontrava, assim como as lógicas de regionalização e teorização do espaço que foram praticadas nos respectivos destinos por diferentes políticas públicas: o Programa de Regionalização do Turismo do Governo Federal associado à lógica dos Arranjos Produtivos Locais do SEBRAE, no caso catarinense, e o Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste no caso da Costa do Descobrimento baiana.

É de suma importância um trabalho preliminar como este para delimitar um espaço de atuação para o poder público investir de maneira eficiente recursos destinados à sinalização turística, infraestrutura básica, fomento ao empreendedorismo local, incentivos fiscais, entre outras formas de atuação. Ainda, a aplicação da teoria de Boullón permite-nos abrir os horizontes no que diz respeito aos lugares e as territorialidades para o turismo.

Por meio da identificação dos pontos focais urbanos foi possível delimitar espacialmente o território turístico campinense, considerando todas suas principais vias de acesso, marcos, logradouros, setores etc. e mapeá-los, ainda que de maneira descritiva, mas permitindo perceber quão útil se mostra essa teoria para o dia a dia do planejador que intenta usá-la.

O espaço descrito no trabalho, da maneira que se encontra, dificulta o acesso e a percepção da paisagem urbana, traduzindo-se em uma possível má impressão da cidade ao primeiro olhar do turista. Ainda, identificaram-se várias vias de circulação e pontos focais que poderiam também servir como atrativos turísticos, dispor de infraestrutura turística, embelezamento paisagístico, entre outras intervenções que pudessem incrementar o turismo urbano.

Uma cidade como Campina Grande carece de básicos investimentos em sinalização, reformas e paisagismo em diversos logradouros, marcos e setores turísticos, constatando-se que uma simples identificação desses chamados pontos focais urbanos já possibilitaria a priorização de projetos específicos que trariam benefícios tanto para o turista quando para o habitante local.

Esse trabalho pode indicar também diversos outros leques de problemáticas a serem analisados por pesquisadores, um trabalho mais aprofundado de esquematização física desse espaço previamente delimitado, além de poder levar essa identificação a uma escala territorial maior e outras tipologias espaciais definidas também por Boullón (2002) e sua obra que é leitura basilar para qualquer trabalho prático de planejamento em turismo.

THE URBAN TOURISTIC SPACE IN CAMPINA GRANDE - PB: A STUDY BASED ON BOULLÓN'S THEORY

Abstract

This article discusses about the theory of Boullón and its categories of analysis of the urban touristic space and the possibilities of its application in Campina Grande. Through the theory of urban focal points, it was possible to identify some categories of this theory on the touristic space of the city. The work was based in bibliographic research as well as in the observations of urban space by the researchers. It was determined the importance of Boullón's theory to the practice of touristic planning and direction of public policies in specific actions.

Keywords: Space. Urban. Campina Grande. Tourism. Boullón.

REFERÊNCIAS

BOULLÓN, R. **Planejamento do espaço turístico**. Porto Alegre: EDUSC, 2002.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação do espaço urbano. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (org.) **Turismo urbano**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FEGER, J. E.; WITTMAN, M. L.; NODARI, L. D. T.; FILIPPIM, M. L.; LAZZAROTTI, F. Regionalização do turismo: uma análise espacial do Arranjo Produtivo Local Rota da Amizade. **Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo**, v. 3, n. 4, art. 2, p. 1-22, 2008.

PANORAMIO Photos of the World. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/map/#lt=-7.222367&ln=-35.873467&z=5&k=2&a=1&tab=1&pl=all>>. Acesso em 10 ago 2013.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. O século 20 e a constituição de algumas de suas modernidades arquitetônicas: Campina Grande (PB) 1930-1950 (1). **Revista CPC**, São Paulo. n. 11, p.103-135, Nov.2010/abr 2011.

RODRIGUES, Adir B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: HUCITEC, 2001.

RODRIGUES, Éder Romagna. **Hierarquização dos Espaços Turísticos Existentes na Costa do Descobrimento-Bahia**. Monografia de Graduação em Turismo - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, 2004.

ROLNIK, Raquel. **O lazer humaniza o espaço urbano**. Disponível em: <<http://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/lazerhumanizaespacourbano.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 25. out. 2013

Aprovação Final: 21. dez. 2013

Referência (NBR 6023/2002)

SILVA, Gutenbergue Viana da; FREITAS FILHO, Paulo Pedro de; ENDRES, Ana Valéria. Espaço turístico urbano em Campina Grande – PB: um estudo a partir da teoria de Boullón. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 2, n. 2, p. 86-106, jul./dez. 2013.